

RECONHECENDO-SE COMO PROFESSOR: ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFSC NO IFSC CAMPUS SÃO JOSÉ

Diana Marcolino¹
Karine Beppler Vieira²

RESUMO

Este artigo é resultante das ponderações advindas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia, cujo intuito é o de provocar nossa reflexão acerca do ensino de Geografia, da prática do professor e, sobretudo da nossa formação. O estágio ocorre em dois semestres na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No primeiro semestre de 2015, iniciou-se a disciplina com o estudo dirigido de textos para refletirmos a importância do estágio, concomitantemente houve a preparação dos planos das aulas para o segundo semestre. No segundo semestre de 2015, se deu a regência de 16 aulas com a temática do capitalismo em duas turmas, com média de trinta alunos, turma de ensino médio integrado em telecomunicações e na turma de refrigeração e ar condicionado, que estavam na 6ª fase. A proposta deste artigo é relatar como foi a experiência do estágio de docência, com destaque para a avaliação formativa. Consideramos que a avaliação realizada através da construção do mapa possibilitou instigar os estudantes a sintetizar seu pensamento de forma a contribuir com a sua formação. Destacamos o estágio como um momento importante na formação, por propiciar essa aproximação do discente com as dinâmicas da escola. Além de ser necessário para a reflexão sobre as responsabilidades e importância da profissão e para nosso reconhecimento como professor.

Palavras chave: Estágio supervisionado; Licenciatura em Geografia; Avaliação.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultante das ponderações advindas na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia, cujo intuito é o de provocar nossa reflexão acerca do ensino de Geografia, da prática do professor e, sobretudo da nossa formação. O estágio ocorre em dois semestres na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). No primeiro semestre de 2015, iniciou-se a disciplina com o estudo dirigido de textos para refletirmos a importância do estágio, concomitantemente houve a

¹ Graduanda do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <dmarcolino@gmail.com>

² Graduanda do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <Karine.beppler@hotmail.com>

preparação dos planos das aulas para o segundo semestre, que se iniciaria com o tema capitalismo. Neste mesmo semestre foi realizada a observação e uma participação em sala de aula, na 5ª fase do ensino médio integrado (em que concilia o ensino técnico junto ao ensino médio) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus que fica localizado em São José na grande Florianópolis, na turma de telecomunicações, com a temática climatologia, onde ministramos o conteúdo programado e finalizamos com uma avaliação. No segundo semestre de 2015, se deu a regência de 16 aulas com a temática do capitalismo em duas turmas, com média de vinte e cinco a trinta alunos, turma de telecomunicações e na turma de refrigeração e ar condicionado, que estavam na 6ª fase.

A proposta deste artigo é relatar como foi a experiência do estágio de docência, com destaque para a avaliação formativa, já que nos propomos avaliá-los desde o início do estágio através da participação nas aulas. A metodologia utilizada nas aulas foi a expositiva dialogada. Antes de trabalhar os conceitos, sempre perguntávamos aos alunos o que sabiam sobre eles, e a partir de suas respostas e seus entendimentos, tentávamos explicar o conteúdo, de maneira a complementar aquilo que os alunos já sabiam e trazer novos conhecimentos.

Deste modo, a experiência do estágio de docência foi significativa, haja vista que passamos a compreender melhor como funciona a dinâmica do ambiente escolar, mas principalmente por esse ambiente escolar ser o IFSC, onde há uma estrutura física e apoio técnico pedagógico que trazem uma infinidade de possibilidades para os professores que desejam diversificar as suas aulas e avaliações. Um outro fato importante de dar aula no IFSC é que seus alunos ingressam através de uma processo seletivo que costuma ser bastante concorrido o que em teoria faz com que os alunos saibam mais das matérias do que em outros colégios porque tiveram que estudar para passar. O que eleva a necessidade de preparação dos estagiários, e fez com que tivéssemos que nos preparar bastante para ministrar as aulas. Este estágio possibilitou conhecer uma realidade que é vivida por poucos professores, já que dar aula no IFSC, é o sonho de muitos, porém vivido por poucos.

DESCREVENDO O LOCAL DO ESTÁGIO

O Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) campus São José, chamado antes de Escola Técnica Federal (ETF-SC), foi implementado em 1988, oferecendo dois cursos: Médio Integrado em Telecomunicações e Refrigeração e Ar Condicionado, sendo um dos responsáveis na região metropolitana de Florianópolis pela educação profissional e tecnológica. Em 1997 o Decreto 2.208, separou o ensino médio do ensino técnico, o que fez as Escolas Técnicas Federais oferecerem o ensino médio propedêutico e não o integrado, a partir de 1999 o ensino médio propedêutico foi iniciado (SILVEIRA, 2009).

De acordo com Silveira (2009), a lei federal 8.948 de 1994 transformava as Escolas Técnicas Federais de Educação Tecnológica (CEFET). No caso da ETF-SC, a mudança para CEFET-SC foi oficializada em 2002, quando foi publicado o decreto de criação no Diário Oficial da União. Com isto a Instituição começou a oferecer cursos superiores de tecnologia e de pós-graduação (especialização). O Decreto nº 5.154 de 2004, revogou o de 1997, emergindo assim uma nova perspectiva para a educação profissional e tecnológica no país, oferecendo agora cursos e programas que vão desde a formação inicial e continuada, passando pela educação profissional técnica de nível médio, até a educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação, compreendendo assim todos os níveis de educação profissional.

Assim sendo, foi dentro desta lógica de ensino médio integrado ao técnico que iniciamos nosso estágio em licenciatura em Geografia no IFSC. Sabendo também da dificuldade do professor em ultrapassar o pensamento da formação meramente para o mercado de trabalho, já que estes institutos foram criados com o intuito de atender a demanda atual, corroboramos com o pensamento de Almada e Gonçalves (2010, p. 1) que nos dizem:

No âmbito do Ensino Médio Integrado o professor tem que ir além dessa perspectiva **[mais tradicional da geografia]**³, uma vez que essa modalidade de ensino muitas vezes é influenciada diretamente pelos interesses do sistema financeiro, transformando o aluno em uma “ferramenta qualificada” a serviço do grande capital.

³ Inserção nossa.

Entende-se que a Geografia, e todas as disciplinas da área de humanas são imprescindíveis no ensino médio integrado, haja vista que auxiliam os alunos a refletirem seu papel na sociedade, colaborando na construção de sujeitos críticos da realidade onde vivem. Foi com este intuito de ajudar os alunos a serem críticos principalmente neste caso, em relação ao sistema capitalista, que iniciamos nosso estágio no IFSC.

Buscamos com nosso estágio colaborar para que o professor traga mais do que meramente conhecimento técnico, fazendo assim com que a Geografia se torne algo significativo, auxiliando na construção de cidadãos críticos, ultrapassando assim a lógica tecnicista, que é a missão do professor de Geografia no ensino médio integrado, segundo Almada e Gonçalves (2010, p. 8):

A missão do professor de Geografia dos cursos técnicos de nível médio integrado é construir em sua prática pedagógica elementos educacionais que ultrapassem a origem histórica tecnicista do ensino médio profissionalizante, na qual não havia espaço para o estudo das ciências humanas, e também os paradigmas tradicionais da Geografia.

Com este intuito iniciamos nosso estágio sabendo das nossas limitações, Tínhamos estes desafios o do superar essa visão tecnicista, a questão de reconhecer-se professor, e também por saber que este se daria em dois cursos técnicos, haja vista, que os alunos possam ter pouca afinidade com área de humanas.

O DESCOBRIR-SE PROFESSOR, A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO EM GEOGRAFIA.

O desejo de ser professor nem sempre é uma decisão inicial, algumas vezes é uma descoberta. Assim como há momentos em que aquele que decidiu inicialmente ser professor se descobre sendo.

Entende-se que ao optar por um curso de graduação em licenciatura, os indivíduos têm a compreensão que serão preparados para serem professores. Por isso, muitas vezes a licenciatura é escolhida pela afeição que estes tiveram com as

respectivas disciplinas durante a educação básica. Muitos não se imaginam dando aula, mas esperam que durante o curso fiquem cada vez mais tranquilos com essa ideia.

Assim como, há aqueles que desde os oito anos de idade já davam aulas para seus amiguinhos usando o quadro verde que ganhou dos pais e sempre “se viram” sendo professores. Para esses casos e todos os outros na licenciatura há o estágio supervisionado. O estágio acaba se tornando o momento de decisão da profissão, nele você é convidado a conhecer o seu futuro local de trabalho, a escola, e seu futuro público alvo os alunos. Durante o estágio os alunos te chamam de professor e naquelas aulas eles são seus alunos, e algumas vezes, mesmo se preparando a quase quatro anos para isso só quando te chamam de professor é que você começa a se reconhecer como um. Para algumas pessoas, o reconhecer-se como docente só acontece depois de alguns anos dando aula, porém o primeiro “choque de realidade” é durante o estágio.

Embora existam muitas discussões sobre como o estágio supervisionado em geografia deva ser, se em dois ou quatro semestres, com ou sem projeto de pesquisa na escola, o entendimento de sua importância na formação do futuro professor é incontestável. Saiki e Godoi (2013) consideram o estágio muito importante na formação profissional dos professores, pois propicia o contato do aluno de licenciatura com seu futuro espaço de trabalho, ajudando os graduandos de licenciatura a entender melhor dinâmicas e relações que se estabelecem na escola. É possível ver esse entendimento também em Santos (2013, p.270):

O estágio é fonte primária de valores identitários imprescindível na construção do sujeito docente, o qual deverá estar em constante interação com o ambiente escolar e aprendizagem para a socialização do conhecimento, construindo um papel social na construção da cidadania e edificação da identidade docente.

Visto o papel importante que a assume o estágio supervisionado em Geografia como contribuição na identidade e construção do docente, entendemos que a melhor proposição de estágio seja a já realizada em algumas universidades brasileiras em que o mesmo é realizado em dois anos. E tenta superar a limitação do estágio supervisionado que prevê como etapas de estágio a observação e regência.

Nessa proposta de quatro semestres, o estagiário fica mais tempo observando as aulas, mas não só as aulas observa a escola como um todo. É proposto ao estagiário uma verdadeira investigação do seu local de estágio (escola) e é solicitado um projeto de pesquisa, no qual o graduando deve escolher uma problemática da escola sobre a qual debater, produzindo um texto com a supervisão do professor regente da turma e do professor da disciplina de estágio. O estágio na UFSC é realizado em dois semestres, haja vista que foi o melhor caminho encontrado já que facilita na questão de disponibilidade de escolas e também se enquadra na carga horária exigida e disponibilizada no curso de graduação de licenciatura em Geografia da UFSC. E este foi realizado, com observação no primeiro semestre, com um projeto de pesquisa, e preparação das aulas, e no segundo semestre a regência em si.

Esse incentivo para a pesquisa do graduando em licenciatura é de grande valor haja vista que a realização do trabalho de conclusão de curso não é obrigatória na licenciatura em muitos cursos. Sendo importante para que o futuro professor tenha familiaridade com a investigação e a pesquisa, contribuindo para o entendimento que o professor é ou deve ser um eterno pesquisador. Sobre isso Santos (2013, p.265) aponta que

O intuito de trilhar um estágio baseado na investigação, reflexão e ação pressupõe uma mudança de pensamento dos licenciados e dos professores supervisores, ultrapassando a ideia de que a prática docente se baseia apenas na transmissão conteudista. Trazendo a concepção de que esta deve ser crítica e reflexiva, imbuída em um processo investigativo, o qual lhe dará a base para a construção de saberes e fazeres docentes.

A superação da visão do estágio como apenas de descrição, é positiva, a fim de que o estágio seja de fato um momento de reflexão, possibilitando futuros professores críticos e reflexivos. Fazer o estagiário questionar e investigar o ambiente em que se da escola é muito importante para que entenda que o trabalho do professor está além da sala de aula. O professor tem que buscar entender sempre o contexto em que a sua escola está inserida, quais os projetos que ela tem, quais recursos, quais são seus maiores problemas. Por que todas essas questões influenciam dentro da sala de aula, queira o professor ou não.

Além de conhecer o ambiente escolar, entende-se que o estágio também é importante como momento em que o estudante começa a refletir e a ter que pensar em como fazer a mediação didática do conteúdo acadêmico aprendido, para o que ele agora tem que ensinar.

Quando nos referimos a mediação didática do conteúdo não nos referimos há uma simplificação da linguagem e do próprio conteúdo, mas a como os alunos aprendem. Ou seja, quais os mecanismos possíveis para a efetivação do conhecimento geográfico por parte do aluno. Usar de diferentes, técnicas, abordagens, linguagens, e avaliações que levem em consideração seu estágio cognitivo de aprendizagem.

Embora seja vital que o professor de geografia tenha conhecimento epistemológico da ciência geográfica, de nada adianta se este não consegue transmitir o que sabe, ou seja, se não despertar nos alunos a vontade de aprender.

Entendemos a importância da mediação conforme Bento (2013), onde este processo de ensino aprendizagem fundamenta-se em proporcionar a atividade cognitiva do aluno, através de um encaminhamento metodológico.

Entende-se, deste modo, que no processo de mediação, o professor não mede esforços para levantar questionamentos para que o aluno processe as informações e as transforme em conhecimento. Coloca-se assim o professor como um provocador. Visto que a preparação para a docência só se torna preocupação em termos gerais nos últimos semestres da graduação nas disciplinas de estágio obrigatório e metodologia do ensino da geografia.

Afinal, são poucas as disciplinas do curso de Licenciatura de Geografia da UFSC, que utilizam carga horária da matéria para discutir o ensino de geografia mesmo quando muitas delas tem em sua carga horária a essa finalidade, como a Prática Componente Curricular (PPC).

Deste modo, se os estágios, ou práticas nas escolas estivessem presentes desde as primeiras fases ao observar o professor regente da escola fazendo a mediação didática, os graduandos durante as disciplinas estariam sempre pensando nessa perspectiva.

UMA APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO ESTÁGIO

O estágio de docência iniciou-se com as aulas na UFSC, com o estudo dirigido de textos, sobre a importância do estágio, sobre outras experiências em outras instituições, com uma professora, que não acompanharia todo nosso estágio, pois precisaria se afastar no segundo semestre. Concomitantemente a estes estudos, estávamos tendo orientações de como preparar nossas aulas e de como fazer o projeto de pesquisa que finalizaríamos no segundo semestre em estágio II.

Após este período inicial, começamos a acompanhar as aulas na turma do ensino médio integrado no IFSC, que estavam na quinta fase, turma esta composta por média de 30 alunos, a maioria meninos. Neste período aproveitamos para conhecer a estrutura da escola e participamos de uma reunião de classe, onde os professores discutiam as situações de cada aluno, momento este interessante e que possibilitou enxergar outras funções do professor.

Neste caminho também acompanhamos a rotina do professor supervisor no IFSC, que tinha uma função administrativa de coordenador da área de cultura geral, que tomava muito do seu tempo, sua função como professor muitas vezes ficou em segundo plano, até porque suas horas aula foram reduzidas, para melhor desempenhar o cargo administrativo. Deste modo, percebemos que temos que estar preparadas, caso tenhamos que assumir funções administrativas futuramente.

Apesar de seus afazeres, o professor de Geografia do IFSC, desde o princípio do estágio ficou empolgado com a ideia de ter estagiários, já que era sua primeira experiência como supervisor de estagiários no IFSC, e sempre se mostrou disposto a colaborar, com a preparação das aulas e com tudo que solicitávamos. Tê-lo como professor supervisor foi um grande aprendizado, já que por ter doutorado, algo que poucos professores que dão aula na rede pública tem, possuía um nível de conhecimento maior, o que era visível em suas aulas, sempre tinham dinâmicas que envolviam os alunos, e faziam com que ficassem interessados nos conteúdos.

Neste primeiro período fizemos uma participação dando aula sobre climatologia, preparamos as aulas, expomos o conteúdo de forma expositiva dialogada e ao final fizemos uma atividade com questões de vestibular, que corrigimos com eles, o que demandou mais tempo que o previsto.

A preparação dos planos de aula necessitou de alguns encontros com a professora da UFSC para orientações já que tínhamos muitas dificuldades em limitar os conceitos, a duração de cada aula, as diversas possibilidades de atividades para avaliação dos alunos, e também tivemos dificuldade de delimitar uma pesquisa para o artigo final, o que foi feito em uma atividade em sala de aula com a professora, nos auxiliando. Nossa ideia de pesquisa ficou muito parecida com a proposta feita por outra dupla que também fez o estágio no IFSC, porém com outro professor. Deste modo, ao final do estágio I, não tínhamos certeza se daríamos continuidade a pesquisa. O que de fato aconteceu, já que mudamos a temática do nosso artigo.

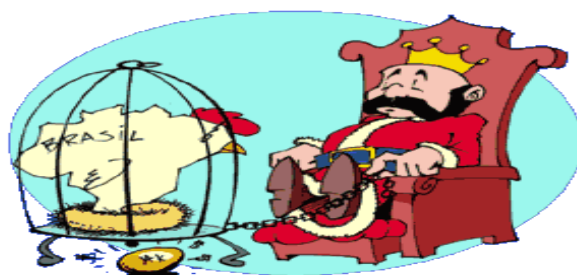
Ao final deste período, houve uma troca de experiência com os estagiários que estavam finalizando o estágio II, onde foram relatadas as suas experiências, momento este muito rico e com muito aprendizado.

O estágio II, iniciamos já com atraso devido à greve na UFSC, o que de certa forma atrapalhou nosso plano inicial de dar aula somente na turma do curso integrado de ensino médio de telecomunicações que foi a que acompanhamos. Tivemos então que incluir a turma de refrigeração e ar condicionado, turmas que agora estavam na 6ª fase, estas tinham uma média de trinta alunos, e contavam em sua maioria com meninos, havia menos de dez meninas em cada turma. Nesta fase do estágio nossa professora do primeiro semestre foi substituída por um professor, que revisou todos os nossos planos de aula e que nos orientou a melhor forma de avaliar os alunos, já que tínhamos agora, duas turmas com características diferentes para avaliar e uma turma era praticamente desconhecida.

As aulas no segundo semestre do IFSC, já iniciaram com a nossa participação e com a temática do capitalismo, estas aulas se deram com a exposição do conteúdo de forma expositiva dialogada, onde houve muita participação dos alunos, haja vista, que este assunto é polemico e ideológico, buscamos a melhor forma de fazer a mediação

didática, sem podar nenhum aluno da participação, que fazia parte da nossa avaliação formativa. Desta forma as aulas iniciaram com o intuito de investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre a temática, para tanto utilizamos charges (figura 1), visando instiga-los sobre o tema capitalismo, esta especificamente a fase do capitalismo comercial.

Figura 1. Exemplo das charges utilizadas no início do estágio de docência



Fonte: Google imagens ⁴.

Trouxemos charges que representavam todas as fases do capitalismo, depois de investigado e debatido tudo que os alunos apontaram conhecer sobre o capitalismo, propusemos a eles relembrar rapidamente qual sistema econômico que antecedeu o sistema capitalista e como ele funcionava. Nas aulas seguintes, explicamos todas as quatro fases do capitalismo e então revelamos a eles qual seria o método de avaliação desse conteúdo, que estes deveriam cartografar o capitalismo. E vários alunos começaram a questionar como seria feito isso, assim resolvemos detalhar melhor como foi realizada essa atividade de avaliação nas turmas, e como cada turma respondeu de uma maneira diferente.

⁴ Disponível em:< <http://blogdoprofessorhenry.blogspot.com.br/2014/05/historia-apogeu-e-desagregacao-do.html>> Acesso em: 09 dez. 2015.

AVALIAÇÃO

Como avaliar se os alunos compreenderam as quatro fases do capitalismo (comercial, industrial, financeiro e informacional), e como as mudanças de fase refletiram e refletem nas configurações espaciais, econômicas e culturais, de maneira a fazer o aluno pensar sobre elas, tornando o aprendizado mais significativo? Esta pergunta foi à questão motivadora para pensarmos uma forma mais eficiente de avaliação.

Deste modo, após ter consciência do tema que daríamos nas nossas aulas e as tê-las preparado, nos perguntávamos como fazer a avaliação de um tema tão complexo e denso como as fases do capitalismo de maneira a verificar a compreensão dos alunos sobre o assunto de uma forma mais significativa, já que inicialmente havíamos pensando em fazer uma lista com questões de vestibular. Foi então que conversando com o orientador da disciplina de estágio e optamos por fazer uma avaliação diferente da comumente utilizada.

Acreditamos que a avaliação deva ser um instrumento utilizado pelo professor para que ele saiba a efetividade da qualidade do que ensina, e que o aluno também possa saber o que está aprendendo e quais são suas dificuldades. O que se vê constantemente é que a avaliação se torna sinônimo apenas de prova sem consulta que é utilizada como instrumento de poder pelo professor para domínio na sala.

Diante disso, compreendemos o discurso dos professores no sentido de não haver um tipo de avaliação ideal, mas ao mesmo tempo pensamos que a mesma deva caminhar nessa direção, de dar um parecer para ambos os lados, e também deva servir de auxílio para mudanças na prática do professor. Segundo Castellar e Vilhena (2010, p. 145-146):

Entendemos que a avaliação refere-se, antes de tudo, à forma com que o professor encara o conteúdo de sua área, os fundamentos dela e o processo de aprendizagem. Isso significa que quando tratamos da avaliação no cotidiano escolar, nos envolvemos, também, com a prática docente e com o currículo escolar. Dessa maneira, a avaliação não é um fato isolado ou apenas uma maneira de quantificar o conhecimento do aluno. Se compreendermos a avaliação como instrumento que nos permite saber se houve ou não aprendizagem, deve-se ter clareza de que faz parte do processo e é contínua. Com a avaliação, o professor tem condição de saber e diagnosticar quais são os problemas relacionados à aprendizagem: se é cognitivo ou afetivo, se é uma dificuldade ou bloqueio.

A partir do momento que é feita uma avaliação e muitos vão mal o professor sabe que aquela prática deve ser substituída ou melhorada. Portanto entendemos que a avaliação tem um papel fundamental dentro do cotidiano escolar, mas compreendemos que a avaliação tradicional pode não ser a melhor forma de avaliar tanto o aluno quanto as práticas do professor. Entendemos que a avaliação formativa seja o melhor caminho, na medida em que busca avaliar o aluno pelo que ele foi no semestre inteiro com vários tipos de práticas coletivas e individuais mas que se preocupa mais com o desenvolvimento de uma consciência coletiva. Quando se avalia com duas provas apenas, corre-se o risco de que o aluno não estando bem nesses dias não consiga demonstrar o que realmente sabe.

Visando essa mudança na avaliação e já que sabíamos que no semestre anterior as duas turmas já haviam estudado as questões básicas da cartografia, pois assistimos às aulas, decidimos verificar se eles haviam compreendido o conteúdo estudado através da linguagem cartográfica. Para tanto compreendemos que a leitura de mapas não é uma habilidade natural, de acordo com Almeida e Nogueira (2009, p. 119) “[...] é preciso desenvolver essa habilidade na criança na educação escolar, em um processo denominado alfabetização cartográfica”. Nesta atividade estávamos solicitando que produzissem um mapa, o que é o inverso do que estão acostumados, deste modo também requer desenvolver essa habilidade. Pensando nesta lógica após a explicação do conteúdo durante três semanas com duas aulas de cinquenta minutos por semana, entregamos a eles um mapa mundi “mudo” um mapa que tem como informação apenas as demarcações dos territórios sem o nome deles, apenas seus contornos.

Sendo assim, os instruímos a cartografar, espacializar, as fases do capitalismo, trabalho que deveria ser feito em dupla. Essa proposta possibilitou instigar os estudantes a sintetizar seu pensamento de forma a poder representá-lo espacialmente. Explicamos aos alunos que o objetivo dessa avaliação era verificar se eles tinham entendido as principais diferenças das quatro fases, como eram os modos de produção, quais países se destacaram nas diferentes fases, quais as mudanças nas matrizes energéticas, as doutrinas econômicas de cada fase, o surgimento e as modificações ocorridas na Divisão Internacional do Trabalho (DIT).

Para tanto, orientamos que poderiam fazer desenhos para simbolizar as fases, poderiam utilizar setas para simbolizar fluxos, por exemplo, para mostrar as transações comerciais, poderiam usar diferentes cores para retratar os símbolos de cada fase. Estes tinham como texto base o capítulo trabalhado do livro didático que todos possuíam dos autores, Sene e Moreira (2014) e que teve papel decisivo na escolha da avaliação, visto que no início do capítulo ele trás uma linha do tempo das fases do capitalismo tentando espacializá-la, por exemplo, apresentam de forma linear quais foram as doutrinas econômicas em cada fase, assim como os países pioneiros e os principais eventos históricos de cada. Considera-se que o fato de os alunos verem nessa linha do tempo a participação e repetição de certos países como pioneiros em mais de uma fase, contribuiu no momento que tiveram espacializar o que compreenderam sobre o capitalismo e suas diferentes fases.

Tentamos inicialmente não dar muitas orientações no intuito de deixá-los criar o seu mapa utilizando os conhecimentos adquiridos até então. Alertamos que a nossa avaliação se daria também, através da apresentação do mapa elaborado, e que deveriam durante a explanação, explicar sobre os conhecimentos adquiridos das quatro fases do capitalismo utilizando o mapa produzido. Trazemos exemplos de mapas com a temática do capitalismo realizados. Figuras 2 e 3 são trabalhos apresentados pela turma de refrigeração e ar condicionado, que utilizaram o mapa em A3 disponibilizado.

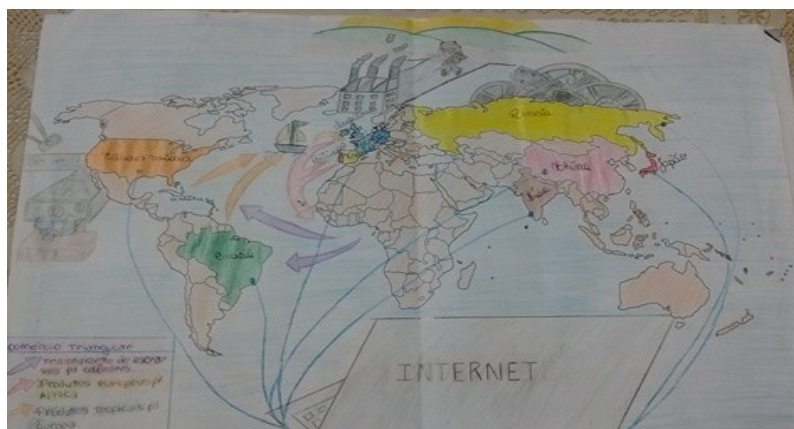


Figura 2: Mapa com fatos marcantes das fases do capitalismo utilizando mapa em A3.
Fonte: As autoras.



Figura 3: Mapa com fatos marcantes das fases do capitalismo utilizando mapa em A3.
Fonte: As autoras.

Nota-se pelos exemplos que esta turma se empenhou em trazer os fatos marcantes desenhados, tornando assim o trabalho mais rico e completo de informações visualmente, já que traziam representações das diferentes fases do capitalismo. Estes desenhos combinados a boa apresentação na maioria dos trabalhos, nos deixou satisfeitos pela proposta ter sido tão bem executada, facilitando assim nossa avaliação. Que no IFSC é feita através de conceitos e não de notas, nesta turma os conceitos variaram entre A e B.

A turma de telecomunicações apresentou os trabalhos posteriormente, devido aos feriados que caíam justamente no dia das aulas o que de certa forma prejudicou o andamento da atividade. Porém estes tiveram mais tempo para sua elaboração o que não se mostrou nos trabalhos, pois nota-se que não houve tanta preocupação com os desenhos e representações que foram feitos utilizando-se o A3 sendo um trabalho mais simples como exemplificado na figura 4.

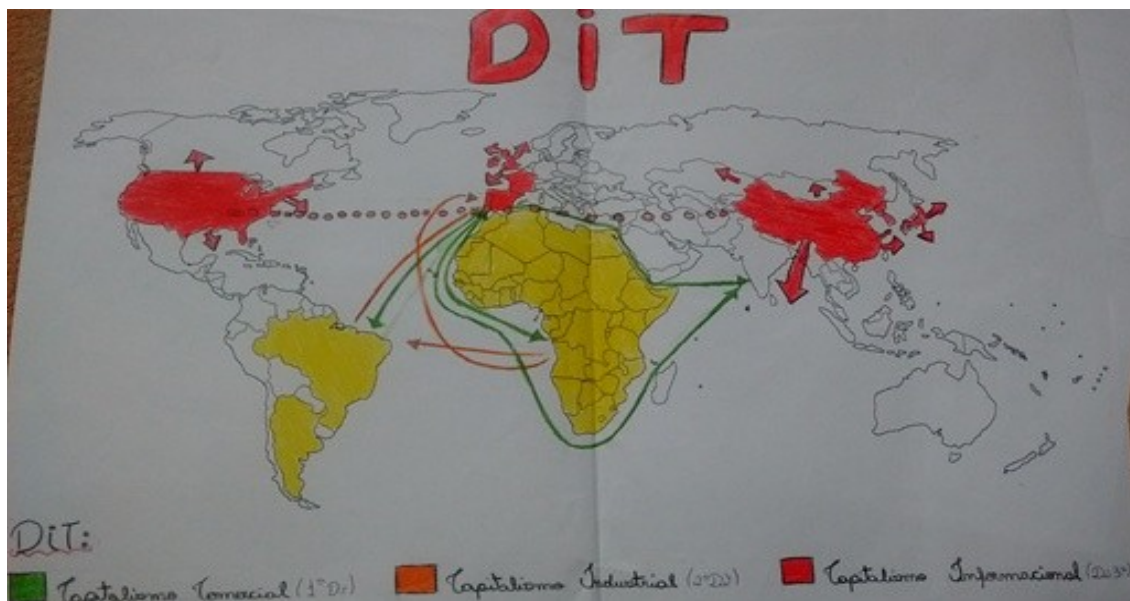


Figura 4: Mapa com fatos marcantes das fases do capitalismo utilizando mapa A3. Fonte: As autoras.

Por outro lado nesta turma, houve outra proposta para a construção do mapa a qual não havíamos pensado, os alunos sugeriram o uso do *Google Maps*⁵, pois acharam que a folha A3 limitava a construção do mapa. Concordamos com a ideia já que a inserção de tecnologias para auxílio nas aulas é uma ferramenta que deve ser utilizada pelo professor (figura 5). Isso também nos demonstrou o interesse dos alunos em fazer as atividades da melhor forma possível.

⁵*Google Maps* É um serviço de visualização de mapas e imagens de satélite da terra. Disponível em: <<https://maps.google.com>> . Acesso em 5 dez. 2015.

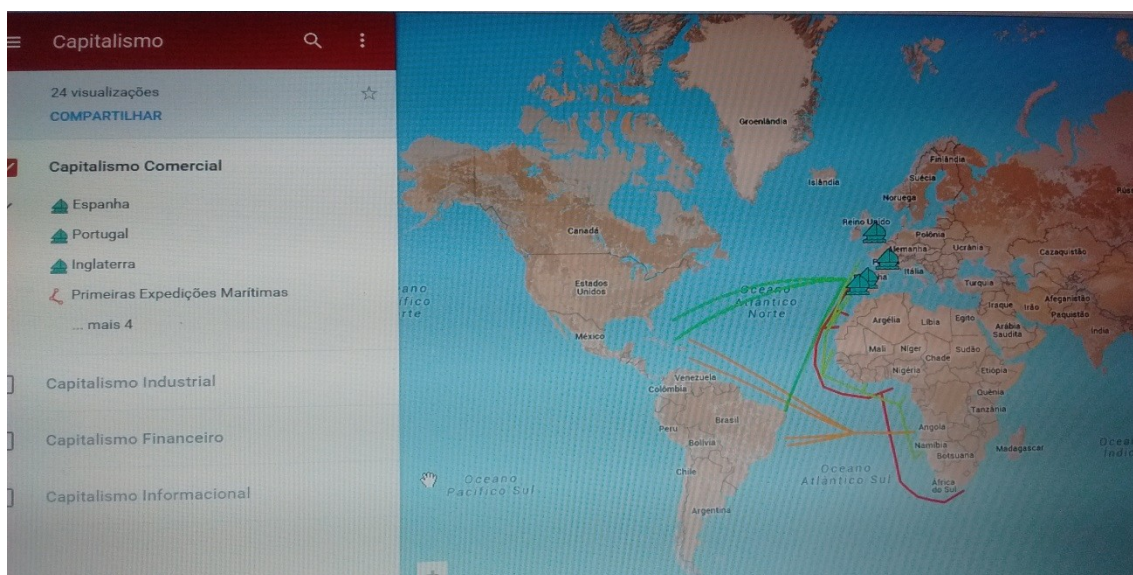


Figura 5: Mapa com fatos marcantes das fases do capitalismo utilizando o *Google Maps*. Fonte: As autoras.

A turma de telecomunicações foi prejudicada pelo constante atraso nas aulas, devido aos feriados, por isso teve rendimento menor que a turma de refrigeração e ar condicionado, principalmente com relação aos mapas feitos em A3. Porém a proposta de trabalhar com o Google Maps, foi muito bem realizada pelos alunos onde todos que apresentaram desta forma tiveram conceito A, somente os alunos que não apresentaram o mapa, tiveram conceito B ou C, dependendo do caso.

Pelos resultados obtidos com a forma de avaliação escolhida, percebemos que os alunos conseguiram adquirir o conhecimento sobre o tema trabalhado, e embora tenha havido um receio inicial em escolher tal forma de avaliar por acharmos que os alunos pudessem não entender a atividade proposta, ao fim dela saímos satisfeitos com o resultado, nós estagiárias e os professores orientadores da universidade e do IFSC. Haja vista que muitos não tenham conseguido se expressar tão bem através da cartografia ainda sim tiveram que processar e sintetizar o que entenderam sobre as fases para apresentar, e alguns alunos realmente se superaram, tanto na cartografia quanto na explicação.

No fim da experiência de estágio solicitamos que os alunos elaborassem uma avaliação das nossas práticas, e com esta podemos confirmar que foi uma forma positiva

de avaliá-los, haja vista que um dos alunos afirmou que não estava prestando tanta atenção na aula, mas que ao elaborar a atividade do mapa conseguiu assimilar o conteúdo. De maneira geral a turma avaliou bem as nossas aulas, e consideramos positiva a experiência como docente. Através da avaliação deles também percebemos que poderíamos ter variado um pouco a metodologia de aula expositiva dialogada. Visto que utilizamos muito o Power Point, embora nestes houvesse mais imagens, esquemas e às vezes pequenos conceitos, entendemos que poderíamos ter utilizado mais o quadro, e acreditamos que a experiência vai nos ajudar a modificar isso.

Elencamos como um fator muito positivo no estágio a oportunidade de fazê-lo em uma instituição com tantos recursos. A apresentação dos alunos que usaram como recurso *Google Maps*, foi muito motivadora, demonstrando que a instituição propicia que o aluno faça o melhor trabalho com os recursos mais avançados. Outros fatores que contribuíram para que a experiência fosse enriquecedora foram a infraestrutura disponível, e um professor de Geografia motivado, qualificado com doutorado e disposto a nos auxiliar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a experiência do estágio supervisionado conseguimos perceber distintos momentos dentro desta vivência. Destacamos o momento em que passamos a entender melhor as dinâmicas existentes dentro do ambiente escolar. Como se dão as relações entre os professores, destes com os alunos, e como são construídas estas relações. Diante disso, reconhecemos a escola como algo maior do que meramente a sala de aula, ou a sala dos professores.

Por outro lado, tivemos também um significativo momento de aprendizagem pedagógica, quando assistimos às aulas no primeiro semestre, haja vista que aprendemos como ministrar nossas aulas, com recursos didáticos diversos, já que nosso professor supervisor no IFSC, sempre trazia uma didática diferenciada para a sala de aula, demonstrando assim sua reflexão sobre o elaborar/reelaborar as aulas, a fim de se tornarem mais apreciadas pelos alunos, sendo mais aproveitadas. Assim como, podemos aprofundar nosso conhecimento sobre o tema capitalismo, quando tivemos que preparar

e ministrar nossas aulas, fazendo desta uma das etapas do reconhecimento do que é ser professor.

Quando passamos a nos reconhecer como professoras e quando estávamos na prática ministrando as aulas, tivemos mais um momento, neste entendemos a responsabilidade da nossa profissão, e como a formação crítica e cidadã dos alunos está sob nosso encargo. Nos preocupamos na forma de ensinar o conteúdo pra que este não tivesse carregado de ideologia, apesar de entendermos que todo conhecimento que está posto contém uma ideologia. Cada professor querendo ou não acaba passando para seus alunos aquilo em que acredita, seja de forma subentendida ou não, ainda mais num assunto tão complexo como o capitalismo.

Neste estágio podemos refletir como foi nossa formação na UFSC, e todas as dificuldades ou facilidades que enfrentamos para concluir esta etapa. Desta forma aproveitamos este momento para refletirmos sobre o que pode/deve ser melhorado. Podemos perceber que a questão de sermos iniciantes ainda nos limita um pouco em relação ao conhecimento, tanto que inúmeras vezes fomos questionadas sobre assuntos que os professores que nos acompanharam tiveram que intervir. Mas consideramos esta uma etapa normal do processo de aprendizagem, haja vista que somente com anos de experiência, teremos mais apoderamento sobre os conteúdos ministrados.

Ao final consideramos que todos aprenderam, os estagiários, os professores orientadores, e os alunos, e que estaremos sempre aprendendo, tendo a certeza de que não sabemos tudo e nunca saberemos o que é muito importante para um bom professor. Consideramos que a avaliação proposta de construção do mapa, possibilitou instigar os estudantes a sintetizar seu pensamento de forma a poder representá-lo espacialmente. Deste modo, tornou a aprendizagem mais significativa, visto que este tipo de avaliação demanda um processo cognitivo mais complexo. E fez com que as estagiárias e os professores, aprendessem juntos, já que não sabíamos se essa proposta daria certo, visto que os alunos nunca tinham feito uma prática semelhante.

Ter realizado o estágio de licenciatura no IFSC, e com um professor tão capacitado, nos deu uma boa referência, e foi uma experiência muito positiva, já que nos possibilitou enxergar uma infinidade de possibilidades para a nossa mediação

didática futuramente, haja vista que essa é a busca do professor, sempre dar ou trazer as melhores oportunidades de aprendizagem aos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMADA, José Alexandre Berto de; GONÇALVES, Francisco Ednardo. Geografia e ensino médio integrado: primeiras impressões. **ANAIS DO XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E DE ESPERANÇAS**. Espaço de Diálogos e Práticas. Porto Alegre: AGB, 2010.

ALMEIDA, Luciana C. de; NOGUEIRA, Ruth E. Iniciação cartográfica de adultos invisuais. In: NOGUEIRA, Ruth E. *et al.* **Motivações hodiernas para ensinar Geografia**. Representações do espaço para visuais e invisuais. Florianópolis: Nova Letra gráfica e editora. 2009, p. 107-130.

BENTO, Izabella P. Bento. **A mediação didática na construção do conhecimento geográfico**: uma análise do processo de ensino e aprendizagem de jovens do ensino médio e da potencialidade do lugar. Goiânia: UFG, 2013. Dissertação (Mestrado) instituto de estudos socioambientais programa de pesquisa e pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2013. Disponível em: https://lepeg.iesa.ufg.br/up/8/o/Tese_Izabella_Peracini_Bento.pdf> Acesso em 29, set. 2015.

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; VILHENA, Jerusa. Um pequeno comentário sobre a avaliação da aprendizagem. In: CARVALHO, Anna M. P. de (Coord.). **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010, p. 145-161.

SANTOS, MariaFrancineila Pinheiro dos. A relação teoria-prática no estágio supervisionado em Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio, TONINI, Ivaine KAERCHER, Nestor André (orgs). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso-Lugar-Cultura, 2013.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko (org). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2013.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil**: espaço geográfico e globalização. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2014.

SILVEIRA, Maria Lêda Costa. **PROEJA**: Uma proposta de educação integral e integrada– limitações do discurso à prática no IFSC Campus São José. São José: IFSC, 2009. 49 f. Monografia (Especialização), Curso de Pós-graduação Especialista em Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos, Instituto Federal de Santa Catarina, São José, 2009.